

**“Os humildes filhos de Minerva”: O Letramento operário e a Construção identitária através dos tipógrafos durante a híbrida modernidade amazônica.**

Claudia Amélia Mota Moreira Barros<sup>1</sup>

Resumo: Trabalhadores do pensamento, explorados não apenas na sua capacidade braçal, mas também em algo mais sutil, na sua capacidade intelectual, os tipógrafos são exemplos das novas formas de exploração construídas pelo capitalismo nos fins do século XIX. O resgate do conjunto de experiências vividas e apreendidas por esta categoria e seu processo de luta são temas centrais desta comunicação que busca entre outras coisas também compreender as formas de disseminação da cultura letrada entre os operários amazonenses durante a híbrida modernidade amazônica. Esses trabalhadores que se desejam e se forjam como lideranças entre o operariado local, encontram nas páginas dos jornais Gutenberg (1891), Vida Operária (1892) e Lucta Social (1914) um ambiente fértil para a construção de sua identidade.

Palavras-chave: Movimento operário; Imprensa; Identidade; cultura letrada; resistência.

Abstract: Workers of thought, explored not only in their manual capacity but also in something more subtle, their intellectual capacity, typographers those are examples of new exploration ways built by the capitalism in the late nineteenth century. The rescue of lived and apprehended experiences by this category and their struggle process are the

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente da rede pública de ensino e colaboradora do Laboratório de Imprensa do Amazonas (LHIA). <http://lattes.cnpq.br/8693855237672724> Manaus-Am. morbarros@gmail.com

central themes of this communication that also seeks among other things, to understand the dissemination ways of literate culture among Amazonian workers during the Amazonian hybrid modernity. Those workers who wish and forge themselves as leaders among the local laborers, find on the pages of newspapers like Gutenberg (1891), Vida Operária (1892) and Lucta Social (1914) a fertile environment for their identity construction.

Keywords - Keywords: Labor movement; Press; Identity; literate culture; resistance.

Naquela manhã de 15 de Abril de 1894 a sede social do Centro Galeano, no Rio de Janeiro estava extremamente agitada. Diversas delegações de várias cidades brasileiras se encontravam pela primeira vez com o intuito de discutir a organização da classe trabalhadora. Todos estavam ansiosos para a abertura do I COB – Congresso Operário Brasileiro - que se constituiu como a gênese oficial da organização sindical no Brasil<sup>2</sup>. Daquele momento até os dias de hoje muito se avançou em termos de movimento operário.

O movimento operário brasileiro em seus primeiros contornos, conta com uma riqueza de concepções e linhas de pensamentos, materializadas em grupos como os anarquistas, socialistas e reformistas. A busca pela liderança e a defesa das melhores estratégias para a tão desejada mudança social, marcaram as disputas no interior do movimento operário. Desta maneira se construíram as primeiras formas de organização como as entidades beneméritas com seu assistencialismo, mutualismo, os partidos operários e posteriormente as entidades sindicais, que juntas iniciaram uma profunda transformação na estrutura social, econômica e cultural da sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> COSTELA, Antonio F. **O controle da Informação no Brasil**. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis. SP. 1970. P. 45

Em conjunto com estes avanços, proliferavam as grandes manifestações que irão desencadear as greves gerais de 1917 e 1918. Protagonizados pelos segmentos organizados da classe e vastamente documentados, irradiam reflexos em todo o país.

Manaus, demonstrando a força da jovem classe trabalhadora urbana se inclui neste momento de ebulição na formação do operariado brasileiro, criando mecanismo de organização e estratégias para a emancipação da classe.

Em todos os estados adiantados da união brasileira está creado e solidamente firmado o Partido Operário.

Entre nós, somente o único Estado onde faltava ser organizada essa agremiação de artistas que procuram fazer valer a sua independência e a sua liberdade, acaba de ficar definitivamente creado e prompto, por conseguinte a trabalhar em prol d'aquilo que o verdadeiro artista sempre, acima de tudo deve procurar – a sua independência<sup>3</sup>.

Estratégias como a proposta pelo grupo que orbita em torno do periódico Gutenberg de 1892, e vem a lume sob a bandeira organizativa dos tipógrafos. Marcellino na Exaltação, jovem redator do periódico estava sob a direção do jornal quando eles lançam a defesa e a necessidade de organização do Partido Operário que foi criado efetivamente em 20 de Dezembro de 1891. E eles tinham razão em Belém por exemplo o Partido Operário já havia sido criado em Setembro de 1891 através das folhas da Tribuna Operária e associado ao Partido Operário Socialista Brasileiro, sendo empastelado em Abril de 1892<sup>4</sup>.

A formação de um partido que congregasse os trabalhadores em torno das lutas gerais como as 8 horas de trabalho, melhorias salariais e melhores condições para o exercício do trabalho foram elementos norteadores desta organização. Sem, no entanto

<sup>3</sup> Gutenberg. 01 de Maio de 1892. P. 2

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Edilza Joana. OLIVEIRA, Edlza Joana. **Preferem-se Português(as): Trabalho, Cultura e Movimentos Sociais em Belém do Pará ( 1885-1914)**. Tese de Doutorado.UFCH-Unicamp. 2002.P.230.

esquecer as especificidades próprias da região amazônica e da cidade de Manaus em particular, esses operários imprimem nas páginas de seu periódico, uma nova visão da *El Dorado* dos trópicos.

A nossa situação é a mais desesperada possível, o cambio cada vez mais baixo e entretanto o governo que se diz representar a opinião publica e pela qual diz estar apoiado, faz-se cego e surdo aos gritos aflitos do povo que se debate com a mais ameaçadora das misérias: a fome.<sup>5</sup>

No Amazonas, a capital se encontra em plena transformação, ditada pelo ritmo frenético da modernidade. O projeto defendido pela elite ia muito além do embelezamento da cidade, das normatizações do viver urbano e do estabelecimento das novas condutas sociais, elas estabeleciam novos ritmos e sinais próprios do movimento da modernidade, passará a ser apropriado como experiência peculiares na região e gestaram processos de confronto.

As disputas políticas entre as oligarquias e o conjunto organizado da classe trabalhadora, materializavam parte destes confrontos. Eloína Monteiro dos Santos<sup>6</sup> caracteriza a elite política local, como *oligarquias tribais*, que privilegiam a manutenção do poder através de alianças. Essas relações de classe, antes atribuída como um elo simples de dominação, onde o dominador se sobrepõe ao dominado, ganha novas preocupações. Conforme Pierre Bourdieu<sup>7</sup> é necessário a sofisticação entre estes dois estamentos, possibilitando agora um entendimento, onde se pressupõem a apropriação de ambas as partes, não mais isoladas em si, mas repletas de estratégias de sobrevivência, resistência e dominação.

<sup>5</sup> Gutenberg. 01 de Maio de 1892.

<sup>6</sup> SANTOS. Eloína Monteiro. 1924. **O movimento tenentista em Manaus**. Ed. Valer. Manaus.

<sup>7</sup> BOURDIEUR. Pierre. **A Miséria do Mundo**. Ed. Vozes. São Paulo, 2001.

Politizando uma série de ações e atores sociais, é possível restabelecer o lugar social da fala da classe trabalhadora. A imprensa se apresenta como um desses lugares sociais, onde é possível materializar a fala do outro. Entendida como construtora praticas sociais, os órgãos de imprensa foram amplamente utilizados ou financiados para servirem de voz do poder durante os anos iniciais da República no Amazonas. Os proprietários de jornais agiam como legítimos *donos do poder*.

Falar de um veículo de uma determinada época é, obrigatoriamente, se referir à cidade no qual estavam inseridas, a relações sociais e culturais determinantes nesta cidade. É importante perceber a dinâmica do veículo em relação a uma dinâmica social mais ampla.<sup>8</sup>

Podemos citar como exemplo destas práticas, os jornais o “Cinco de Setembro” primeiros jornal em circulação em Manaus. Ele vem a lume como órgão de divulgação de decretos e resoluções do governo da Província em 03 de Maio de 1851. Circulou por 8 meses e em 07 de Janeiro de 1852 recebeu o nome de “Estrela do Amazonas” sob o comando de Manoel da Silva Ramos. Entre outros que serviam de arautos dos interesses patronais e instrumento de legitimação da nova sociedade liberal burguesa que se deseja construir sob o passado indígena, nitidamente marcado pela oralidade e a insistência da utilização da língua nativa. O Neeghatu<sup>9</sup> insistia em está presente na construção da “Cidade de Palha”.

A incorporação da imprensa ajudou a consolidar o cosmopolitismo desejado. A classe trabalhadora não deixou de produzir um discurso próprio, materializado em um conjunto de periódicos alternativos, opinativos e de protesto, que em seu bojo apontavam possibilidades alternativas de exercício de poder.

<sup>8</sup> BARBOSA. Marialva. **Os donos do Poder: Imprensa, poder e público, 1880-1920**. Vicio de Leitura, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>9</sup> Língua imposta na região pelos Jesuítas com intuito de domínio e imposição das práticas lusitanas na Amazônia. Considerada “Língua Geral” significa “Fala Boa”. FREIRE. José Ribamar (Org) **Da Fala Boa ao português na Amazonia brasileira**. In: Amazônia em Cadernos .n.1 Manaus, 1992.

*Manáos* era a cidade das multidões. Marcada por rostos ingleses, portugueses, italianos, alemães, entre outras nacionalidades que formatam o frágil cosmopolitismo manauara. A cidade também é a dos sonhos de nordestinos que vinham atraídos pela promessa de prosperidade, motivados pelo imaginário do grande rio, fornecedor de vida e riqueza.

O crescimento motivado inicialmente pela riqueza da borracha prospera desde o final do século XIX, foi acompanhado e alimentado pela idéia de constante progresso. Progresso este sedimentado nos braços de milhares de índios, mão de obra principal da região, diferenciando a cidade do restante do país.

Neste sentido a cidade engloba o espaço de criação de uma identidade conforme sua temporalidade e os espaços, entre o lícito e o ilícito, tornam-se socialmente construídos.<sup>10</sup> Tornam-se reflexos das contradições, que podemos flagrar em discursos proferidos pelos órgãos de imprensa. Esses elementos norteiam os processos de construção de identidade dos diferentes grupos sociais. Neste movimento o que interessa é o futuro, e o passado tapuio, deveria ser deixado para trás. Manaus cresceu engolindo a si mesma.

### **Os humildes filhos de Minerva: O cenário urbano e o processo de resistência.**

“Ele chega as 04 ou 05 horas da manhã, vai direto para sua mesa de paginação, está muito suja e a pouca claridade não ajuda seus olhos, já cansados, a enxergar o prelo de marca Marinori, começa a enfadonha tarefa de retirar os tipos que vai precisar para o trabalho daquele dia. A máquina já esta trabalhando, seus companheiros vão montando o jornal que irá circular naquela manhã. Lá fora a cidade acorda, os últimos boêmios, vadios e prostitutas se recolhem para o merecido descanso. Nosso velho

---

<sup>10</sup> BENJAMIM. W. **Paris Capital do século XIX – Aparecimento do homem privado.** In Sociologia. 2º. ed. Trad. org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática1991

tipógrafo trabalha no Diário Oficial, e independentemente do trabalho enfadonho que seu ofício o obriga, dos atrasos do parco salário, ele sente orgulho, se sente bem de ser um homem que exerce uma profissão ligada aos princípios ligados letramento e ao conhecimento <sup>11</sup>. Ele de certa forma é redimido pelo trabalho”<sup>12</sup>.

As transformações ocorridas no século XIX e XX podem ser contadas em tons épicos. Segundo Thompson<sup>13</sup> o tempo, pautado na lógica capitalista, passou a afetar a disciplina do trabalho e gradualmente reestruturou os seus ritmos. O binômio “Tempo x Lucro”, passou a ritmar a cadência do viver operário. O trabalhador é cobrado a se integrar de maneira rápida, ideias como técnica e aprimoramento. Neste sentido a fictícia/real história do velho tipógrafo da história acima, representa o cotidiano de centenas de trabalhadores gráficos que atuavam em Manaus.

Uns desses vislumbres são flagrados nas páginas do periódico Gutenberg de 1892 confeccionados pela Associação dos Artistas Gráficos.

Época vira que em que os humildes filhos de Minerva, essa classe atualmente abatida, apresenta-se na ordem social, se não como a primeira, pelo menos como umas das de primeira ordem entre as demais classes sociais.<sup>14</sup>

A realidade vivenciada pela categoria é experimentada de forma drástica. As representações contidas na fala de Figueiredo Pimentel colunista no jornal Amazonas de 1900, imprime com força e transmitem a rudeza do trabalho nas oficinas .

<sup>11</sup> MARTINS. Wilson. **A palavra escrita. História do livro, da Imprensa e da biblioteca.** Ed. Ática. São Paulo. 1998. P. 43

<sup>12</sup> Trecho fictício utilizado para retratar o viver da categoria, porém essa condição e facilmente resgatada em vários trechos dos jornais operários.

<sup>13</sup> THOMPSON. E.P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular Tradicional.** Companhia das Letras. 1991. P. 96-123

<sup>14</sup> Gutenberg. Manaus, 01 de Maio de 1892. P. 04

...Oh! a cachaça terrível, a horrorosa bebedeira! Oh! O letal e capitoso cheiro de tinta de impressão!... Quem o aspirou, uma vez sequer, está perdido para sempre, fatalmente perdido, condenado a viver a existência inteira respirando nessa atmosfera envenenada!...<sup>15</sup>

Esse artigo de Pimentel publicado na coluna “Galés da imprensa” é emblemático no sentido da percepção das condições de trabalho que fazem parte do cotidiano dos trabalhadores gráficos. A associação entre a cachaça que vicia e entorpece com o vapor saído das máquinas de impressão, nos deixa um vislumbre da atmosfera insalubre das oficinas gráficas. Diante desse quadro fica relativamente fácil de entender as constantes manifestações dos tipógrafos em relação a sua realidade.

O sentido assumido pelo trabalho que congrega ao mundo do cidadão, as dificuldades enfrentadas pela categoria e os princípios de identificação a valores que todo trabalhador especialista possuía são percebidas em cada linha presente nos jornais operário. O Lucta Social de tendência anarquista, editado em 1914, trás a fala de Tércio Miranda, editor do periódico elaborado pela própria categoria gráfica, nos reportar a essa consideração.

No próximo numero ocupar-nos-emos da situação econômica por que esta passando o operariado amazonense... particularmente a classe gráfica que, segundo nos informam – em algumas casas - os operários debatem-se nos estertores da miséria, por falta de pagamento de seus salários, principalmente os operários dos jornais oficiais que, apesar do tesouro do povo (Não do Estado), ter dinheiro, para alguém surrupiar...<sup>16</sup>

Em seu artigo “Advertência” o tipógrafo, anuncia as circunstâncias vividas por estes trabalhadores. Elas se contrapõem aos discursos oficiais, onde o trabalhador era visto como motor central do progresso da nação, ainda que devesse ser rigorosamente

<sup>15</sup> Amazonas Commercial. Manaus, 21 de Fevereiro de 1900. P 02

<sup>16</sup> Lucta Social. Manaus 01 de Maio de 1914. Pag. 6.

controlado pelo poder público. A miséria e o atraso nos pagamentos e os baixos salários eram correntes.

O gráfico representado por seu maior segmento, o tipógrafo, passa a construir nas páginas dos seus periódicos o discurso da crítica, da oposição, mas também da chamada a organização da classe trabalhadora.

Um pequeno vislumbre destes discursos é possível resgatar no periódico inaugural do Gutenberg de 15 de Novembro de 1891 no seu editorial.

Somos livres como são, nos termos puramente republicanos todo cidadão é livre... faremos regularizar o nosso regime operário e em todas as estações ceais, de leve, procuraremos o nosso mais louvável abrigo, quer do lado dos ilustrado colega da imprensa, quer do moralismo publico amazonense, conjuntamente, esperamos obter benévola atenção, a quem temos sumamente a agradecer...<sup>17</sup>

O quinteto dirigente do Gutenberg<sup>18</sup> retrata nas linhas de seu editorial, a clareza de sua identificação ao mundo cidadão. O trabalho o integra e sua intimidade com os ideais de emancipação lhes impunha o discurso contundente. Estes instrumentos – imprensa e discursos - possibilitam a percepção da construção de um conjunto novo de práticas sociais que passaram a ser discutidas no interior da classe trabalhadora.

Projetos e percepções saltam das linhas dos jornais operários. Talvez não amplamente discutidos e hegemônicos, mas que se fazem presentes no *fazer-se* da classe trabalhadora amazonense. Trazem elementos de análise que tornam possível apontar as diversas propostas para os processos vivenciados no espaço urbano de Manaus.

---

<sup>17</sup> Gutenberg. Anno I, nº I. 15 de Novembro de 1891. Pág. 21

<sup>18</sup> Para esclarecimento, os tipógrafos F. Alves Medeiros, Izidoro Vieira, V. Galvão, Vasconcelos e Antonio Leão são lideranças atuantes no citado jornal. Além de lançarem mão da confecção do periódico, também fundaram o Partido Operário no Amazonas em 1892.

Neste cenário o tipógrafo reflete um conjunto de imagens atribuídas a sua profissão. Os novos valores do trabalho repousados no domínio da técnica, inteligência e destreza fazem com que a idéia em vigor no período, em associá-los a verdadeiros arautos das luzes, não pareça em nada absurda. Thompson ao perceber a experiência em dois níveis: a vivida e a percebida reforçam a análise neste sentido. A incorporação das vivências e experiências de um indivíduo ou um grupo deve constar da inter correlação entre a realidade posta e a realidade percebida.<sup>19</sup>.

E nesta associação representativa onde este trabalhador é incorporado aos tempos modernos, a partir do domínio técnico e intelectual, sua base real, pautado no modelo social vigente, lhes confere a posição de operários explorados e igualados às “camadas perigosas” da sociedade. O tipógrafo se encontra em um ponto de encontro entre duas perspectivas, e se apropria em boa medida delas, assimilando os dois modelos.

Ao resgatar os primeiros pensamentos ligados a sua aceitação junto ao seio da sociedade está dualidade aflora por todos os lados. Da literatura aos relatos de governo, as páginas dos jornais retratam a construção do discurso onde a profissão é ligada a ideias que lhes congrega aos valores burgueses, como o domínio das letras e da própria produção do conhecimento.

Não é difícil encontrarmos esse pensamento que transita no imaginário social quando se referindo a este trabalhador, ele vem de uma longa tradição. Febvre e Martin resgatam uma destas visões que cercam o surgimento da imprensa:

Com a invenção da Tipografia – considerada por alguns, como a invenção do milênio –, nasceu a Imprensa. Os livros passam a ser

---

<sup>19</sup> THOMPSON. E. P. Op.Cit. P. 112

acessíveis a toda a gente, a sabedoria e a cultura expandem-se pelo mundo, tornando os povos mais cultos, democratizados e ricos.<sup>20</sup>

O sentido atribuído reforçar a idéia de associação direta da profissão a atividade ligada aos ideais iluministas de acesso ao conhecimento. Ao longo de vários editoriais, esse discurso é pautado e reafirmado no sentido de dar destaque a essa ligação. Percebamos o editorial do *Gutenberg* de 1891, através da fala de Isidoro Vieira, um de seus mais contundentes organizadores:<sup>21</sup>

Foi que da realeza, ao som dos hinos ideais veio surgir na arena do jornalismo um novo literário, honrado com o nome do nosso antigo mestre.

Periódico noticioso e literário pela vez primeira o seu aparecimento demonstra um mimo gracioso aos que cultivadamente adota a letrada e nobre profissão do grande inventor da imprensa, aquele que há 423 anos faleceu em Moguncia (Alemanha) o imortal Gutenberg.

A eloquência de Isidoro reflete o entusiasmo do grupo organizativo do jornal. O periódico serviria além de instrumento para a organização da classe como porta voz para denúncias que infligiam o trabalhador. Mas a associação com o “imortal Gutenberg” revela a clareza e o conhecimento que seu ofício era peculiar. Esta visão é compartilhada pelo periódico *Operário* que vem a lume no ano de 1892<sup>22</sup> cujo jovem redator Isidoro Vieira escreve o artigo citado abaixo:

Na agigantada realização desses ideais, as oficinas serão os augustos templos, de onde sairá a luz como...ferido pelo... na cordilheira dos Andes.

Eduque-se o operário, aprendendo a viver independente das fascinações enganosas da política das ruas.

Somente assim é que pode o trabalho de cidadãos livres contribuir a cimentação utilíssima dos alicerces da nossa pátria.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> FEBVRE; MARTIN. Lucien; Henry-Jean. **O aparecimento do Livro**. Ed.UNESP-Hucitec. São Paulo,1992.

<sup>21</sup> Gutenberg. Manaus 15 de Novembro de 1891.P.01

<sup>22</sup> Se intitulando sucessor do jornal Gutenberg, o Operário sai com poucos exemplares, apenas 02 em Dezembro de 1892.

<sup>23</sup> Operário. Manaus, Dezembro de 1892:P. 01.

O discurso apologético é visível. As oficinas são associadas a um sentido sacro, imaculado, de onde o caminho certo irá surgir. O tom doutrinário, ganha destaque nestes periódicos, colocando este trabalhador na condição de liderança segura e esclarecida na organização da classe.

A relação do poder público com a imprensa recai sob a forma de controle de informação, censura em outras palavras, e empastelamentos de jornais de oposição como o caso da denuncia feita contra certo Dr. Mario, encarregado policial que “empastela jornais e prende trabalhadores”<sup>24</sup>. A categoria na voz de suas lideranças se percebe como o vigilante, o advogado da classe operária e se afirma como tal.

O contexto vivido no início da República, era marcado pela implantação dos projetos trazidos no bojo da modernidade. Neste cenários os confrontos são inevitáveis, principalmente se refletirmos acerca das disputas políticas na região. As oligarquias que compõem a classe política se estabelecem utilizando “estratégias de poder que podem ser explicitadas pela “manipulação...para servir aos seus próprios interesses e as alianças com os donos do poder”<sup>25</sup>.

Os sentimentos republicanos construídos no ideário deste modelo estão presentes nos discursos destes homens e mulheres que vislumbramos como, aqueles que cultivavam as palavras impressas como arma de critica e luta social. Neste sentido “traduzir um republicanismo que se funde com difusas tradições socialistas e/ou trabalhistas os enquadra dentro do contexto histórico vivenciado pela classe trabalhadora brasileira”<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> Operário. Manaus, 12 de Dezembro de 1892. P.01

<sup>25</sup> SANTOS. Eloína Monteiro dos. A rebelião de 1924 em Manaus. 3ª Edição. Manaus. Ed. Valer. 2001. P.38

<sup>26</sup> PINHEIRO. Maria Luiza Ugarte. **Folhas do norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Tese de Doutorado USP/SP. 2001. P.172

O olhar contemporâneo que os desejava revolucionários, arrojados, belos e desprovidos de contradições, cede lugar para o real. Encontramos homens e mulheres inseridos em um contexto, vivenciando uma experiência que lhes permeia de sensações e decisões por vezes, só entendidas na confluência do tempo/espaço em que as viveram.

A visível defesa do programa republicano em alguns dos periódicos operários, como é o caso da posição do Gutenberg reflete esta postura que não pode ser encarada, como já se citou, como uma posição contraditória. A redenção trazida pela República passa a ser assimilada como a clara possibilidade de ascensão da classe trabalhadora a uma condição de reconhecimento social. Entre muitas categorias essa perspectiva era compartilhada pelo periódico “Confederação do Trabalho” de 1909 que acreditando que seria possível eleger candidatos para participação do pleito eleitoral passavam a defender a legibilidade do voto do trabalhador.

A Confederação do Trabalho do Estado do Amazonas, no uso dos seus direitos civis e políticos, reunida hoje para deliberar sobre a apresentação de seus candidatos no futuro pleito estadual, a realizar-se em 15 de Novembro próximo vindouro...<sup>27</sup>

Esse desejo de mudanças foi compartilhado pela imprensa de forma bastante intensa. Entre os tipógrafos muitos partilhavam de algum dos ideários revolucionários europeus. A visão crítica da realidade era potencializada pelas auguras dos baixos salários e da luta por 8 horas de trabalho, partilhando esses desejos com a classe trabalhadora brasileira no geral. Como afirma Hobsbawm, eles se desejavam firmar como “intelectuais-operários e ideólogos”.

É visível, que com o passar do tempo e a evidente ineficácia diante dos problemas sociais, da falta de diálogo com os trabalhadores, com o aumento de preços no comércio varejista, o tom foi se modificando e através das sátiras, críticas e discursos

---

<sup>27</sup> Confederação do Trabalho. Manaus, 14 de Novembro de 1909. P.2

transcritos em seus jornais nos possibilitam percebemos o acirramento e descrédito frente à República.

Vós que tendes a vida torturada / Pelo julgo mordaz da burguesia /  
 Vós que horrores sofreis dia por dia / Dessa turba cruel, envenenada;  
 Vós que a razão sentis amordaçada / Pelo grito brutal da tirania /  
 Tempo é já de abater a covardia / E da turba abafar a gargalhada!...  
 Levantai-vos do charco apodrecido! / Sejas firmes na grande trajetória /  
 / Reivindicai o tempo já perdido!...  
 Avante, ó paladinos do crisol, / Que alem desventará nossa vitória /  
 Através da brancura de outro sol!...<sup>28</sup>

Esta postura crítica será partilhada entre os jornais operários que circularam durante a década de 10 e 20. O tom jocoso das críticas que ligam as atividades burguesas com a exploração da classe trabalhadora permeou a relação com o Estado.

A identidade do tipógrafo se constrói, entre outros elementos, no marco de separação do caráter artesanal, do artífice para uma linha de produção, onde a especialização técnica se torna o ritmo adotado. Perde-se o artista e surge o operário. Conforme Juarez Bahia <sup>29</sup> “os editores de jornais percebem que, associando o título a um estabelecimento gráfico, resulta daí uma empresa jornalística industrialmente viável e economicamente rentável”.

Em Manaus a perspectiva deste rompimento foi anunciada em um relatório de Raphael Benaion em 1912, então diretor da Imprensa Oficial. Em um dos subtítulos de seu relatório, anuncia como a introdução das linotipos, em detrimento dos outros modelos, na oficina da repartição, trariam vantagens em relação á economia de tempo e verbas. Ele exemplifica:

<sup>28</sup> Lucta Social. .01 de Setembro de 1914. Pág. 4

<sup>29</sup> BAHIA. Juarez. **Jornal, História e Técnica. História da imprensa Brasileira**. São Paulo. 4ªed.. Ed. Ática. 1990. Pág. 105

Possuindo vinte operários para determinado serviço, supõe-se que ao fim de dez dias esteja pronta a encomenda. No fim do serviço cada operário que receba uma média de doze mil réis a diária, terá custado aos cofres da repartição dois contos e quatrocentos mil réis. A repartição não poderá cobrar menos de três contos, incluindo as despesas de impressão, energia, revisão, etc.

Com a introdução da linotipo, segundo calculo feito por competente, substituem com vantagens cinco operários manuaes. Quatro linotipistas, ganhando por hipótese 24\$000 cada um, substituem perfeitamente os 20 operários com uma despesa diária de 96\$000.<sup>30</sup>

As contas matemáticas que representam o corte de custo legitimam a necessidade de substituição imediata por linotipos, o que ocorrerá efetivamente em 1917 com a contratação dos dois primeiros linotipistas do Diário, “... os Srs. José de Barros Rego e Alfredo Liberal que começaram a trabalhar em 02 de Junho de 1914.”<sup>31</sup>

O relatório representa a lógica que passa a vigorar na sociedade brasileira. O valor de um operário não está mais apenas na sua qualificação técnica, mas no quanto ele representa financeiramente para seu contratante. Neste cenário, o tipógrafo passa a ser visto não mais como artista gráfico, mas como objeto descartável, explorado na sua condição intelectual e manual.

Contudo esta fonte não nos impõe apenas estas reflexões, é necessário cogitarmos o impacto trazido por estas informações, não é de se estranhar o desemprego causado pela modernização das oficinas, com a substituição de 20 trabalhadores que potencialmente ficaram desempregados. É notável também a compactação salarial que paga menos ainda ao trabalhador que substituirá seus colegas e finalmente as

<sup>30</sup> LINOTIPO. Relatório apresentado ao Exm.Sr. Coronel Governador do estado por Raphael Benaion. Diretor da Imprensa Oficial de Manáos. 1912. P.15/16.

<sup>31</sup> J.B. O **33º Aniversario da Fundação do Diario Oficial**. Typografia da Imprensa Publica.Manáos,1926.P. 39.

dissidências causadas pela disputa de vagas no mercado de trabalho, o que refletirá diretamente no tão criticado indiferentismo da categoria perante as questões sociais.

A grande dificuldade de congregação revela que a base da categoria ainda estava longe do ideário de organização desejado por suas lideranças e o advento da Linotipo, que em todo país foi motivo de rupturas e desavenças, motivadas principalmente pelo encolhimento do mercado de trabalho e da quebra da visão artística da profissão.

Ainda que a marcante presença dos militantes anarquistas e socialistas inseridos nas suas fileiras, lhes conferisse notabilidade e um posicionamento político visível na sociedade amazonense. O movimento tipográfico no Amazonas já vivenciava esta perspectiva ao anunciar no periódico O Gutenberg na coluna Movimento Operário, assinado pelo pseudônimo Vilispaugal:

Em Manaus, que um tipógrafo não é mais nem menos do que um simples artista, pode, entretanto, sair desse marasma, onde por tanto tempo se acha colocado. Em São Paulo, por exemplo, que os tipógrafos com mui diminuto numero, isto é, inferior a nós aqui no Amazonas tem sabido elevar-se e elevar a classe a tal ponto de se fazer-se representar nos grandes movimentos populares <sup>32</sup>

Mas até que ponto esta separação entre arte e produção afetara a coesão desta categoria e a sua construção de um conjunto compartilhado de pertencimento em Manaus? Pensamos que muito irá impactar no interior da categoria, interferindo internamente na composição

A ética do trabalho cujo ritmo de trabalho era pautado na produtividade exigia do trabalhador uma nova capacidade de adaptação aos tempos modernos e suas rápidas transformações tecnológicas inserida no processo de modernização deste período. O

---

<sup>32</sup> Gutenberg. 1892. P.2

trabalhador tipográfico surge como produto híbrido deste momento reunindo em si as vantagens do proletário moderno – inteligência, eficiência e técnica – e as características do trabalhador tradicional, como a mal remuneração de seu trabalho atrelada ao metodismo e disciplinamento de seu ofício.

O jornal Extremo Norte encabeçado por J. Nicoláo Pimentel o mesmo que quatro anos depois assumirá o comando do Lucta Social, chega a pautar em tom de ironia a doutrina de um bom tipógrafo. No artigo intitulado “Os mandamentos das Leis Tipográficas” percebemos a construção de um modelo estabelecido para a profissão:

Os mandamentos... são dez: os três primeiros pertencem a honra do publico, e os outros sete a paz e proveito do dono do estabelecimento, a saber:

- 1- Pensaras que uma tipografia é propriedade particular;
- 2- Não a confundirás com uma taberna ou botequim;
- 3- Pagaras os anúncio e as obras que mandas publicar;
- 4- Entrarás no estabelecimento como em um templo da arte;
- 5- Não palestrarás no escritório da redação, nem empatarás o tipógrafo com perguntas viciosas ou não;
- 6- No te aproximas da mesa de revisão;
- 7- Não te chegarás para os prelos, nem para as caixas a ler ou abiscoitar os originais, o que vale a censura, de que te esqueceste da educação que te deram;
- 8- Não terás estutas pretensões literárias;
- 9- Escreverás limpo, claro e ortograficamente, e o que publicares seja teu e não plagiado;
- 10- Corrigirás tuas provas, mas a tempo, sem exigires que te mandem á casa, e ao revisitá-las, não argumentarás períodos nem eliminarás parágrafos coisa de embirração por qualquer tipógrafo.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Extremo Norte. Ano I. Manaus, 05 de Junho de 1920. P.3

Todas estas regras tornam-se reveladoras das atividades e anseios cotidianos da categoria. A ironia era uma das ferramentas utilizadas para ridicularizar as perspectivas que um bom profissional deveria ter, ou seja, sua preocupação deveria ser agradar a elite e aos donos dos jornais, que se revestem como verdadeiros seres zelosos do bem maior. Ao tipógrafo só lhe restava trabalhar exaustivamente, na sua honrosa ocupação, sem preocupar-se com coisas menores como a organização da classe, por exemplo, muito bem exemplificado no item cinco.

É pertinente afirmarmos que as proibições veladas no corpo deste *Mandamento* revelam as exigências atribuídas aos trabalhadores. Nos itens nove “escreverás limpo, claro e ortograficamente, o que publicares seja teu e não plagiado” e dez “Corrigirás tuas provas, mas a tempo, sem exigires que te mandem á casa, e ao revisitá-las, não argumentarás períodos nem eliminarás parágrafos coisa de embirração por qualquer tipógrafos.” por exemplo, a apropriação das técnicas e o domínio lingüístico são elementos necessários para o exercício do ofício, mais do que isto elas revelam o desejo disciplinador dos donos de jornais quanto as funções exercidas. O trabalhador deve cumprir seu dever sob pena de retaliações.

Mais as resistências se aprestam neste documento, muitos tipógrafos transitam entre o universo duro do trabalho entediante das oficinas e atividades literárias. Muitos possuem o desejo de escrever poemas e contos, o que ocorre criando um hibridismo com as atividades jornalísticas, típico do início do século XX. Outro elemento que chama atenção é o controle exercido nas oficinas, o item sete fala de furtos de material técnico, como prelos e tipos, algo que deveria ocorrer com certa frequência. O crime atribuído parte do entendimento que o trabalhador será encarado como o *inimigo interno*, são perigosos, representam posturas que distanciam a cidade da matriz civilizadora.

O simbolismo das perspectivas que se criam em torno da profissão perpassa por muitos campos. É correto afirmar que estes trabalhadores obtiveram um papel relevante na formação da classe operária seja como revolucionários e/ou artistas, seja como visto como símbolo de novos tempos.

A construção de uma identidade se dá no avanço e retrocesso da luta, nas organizações institucionalizada ou fora delas. É no momento que o indivíduo se perceber como elemento integrado a um grupo que reflete seus anseios, angústia, desejos é que começa a formar a consciência de uma classe. F. Weffort, ainda que refletisse outro contexto, sinalizou com uma frase interessante “o movimento operário não pode ser visto apenas como dependente da história da sociedade, mas também como sujeitos de sua própria história”.<sup>34</sup>

As vivências e experiências são elementos constitutivos da realidade que é histórica e deve ser entendida em seus mais amplos setores: político, social, econômico, cultural. Estes elementos influenciam diretamente a ação dos sujeitos históricos.

A introdução da cultura letrada no interior do movimento operário se deu a partir das mãos calejadas dos tipógrafos, que se apropriam das técnicas e significações da imprensa burguesa. A imprensa nasceu restrita aos espaços eruditos, mas encontrou nas páginas dos jornais operários uma apropriação resignificada pela classe trabalhadora. Os gráficos em seu fazer-se enquanto classe demonstra a riqueza de experiências que o trabalhador manauara vivência em um momento de destruição e consolidação de novos paradigmas.

---

<sup>34</sup> WEFFORT.F. In:SADER. Eder. **Idéias e Questões**. In Quando novos personagens entram em cena. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988. Pág. 25-60

**Referências Bibliográficas**

- BAHIA. Juarez. **Jornal, História e Técnica. História da imprensa Brasileira.** São Paulo. 4ªed.. Ed. Ática. 1990.
- BARBOSA. Marialva. **Os donos do Poder: Imprensa, poder e público, 1880-1920.** Vício de Leitura, Rio de Janeiro, 2000.
- BENJAMIM. W. **Paris Capital do século XIX – Aparecimento do homem privado.** In Sociologia. 2ª. ed. Trad. org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática1991
- BOURDIEUR. Pierre. **A Miséria do Mundo.** Ed. Vozes. São Paulo, 2001.
- COSTELA. Antonio F. **O controle da Informação no Brasil.** Ed. Vozes Ltda. Petrópolis. SP. 1970.
- FEBVRE; MARTIN. Lucien; Henry-Jean. **O aparecimento do Livro.** Ed.UNESP-Hucitec. São Paulo,1992.
- FREIRE. José Ribamar(Org) **Da Fala Boa ao português na Amazonia brasileira.** In: Amazônia em Cadernos .n.1 Manaus, 1992.
- J.B. **O 33ºAniversario da Fundação do Diario Oficial.** Typografia da Imprensa Publica.Manaós,1926.
- MARTINS. Wilson. **A palavra escrita. História do livro, da Imprensa e da biblioteca.** Ed. Ática. SãoPaulo. 1998.
- OLIVEIRA. Edilza Joana. OLIVEIRA. Edlza Joana. **Preferem-se Português(as): Trabalho, Cultura e Movimentos Sociais em Belém do Pará ( 1885-1914).** Tese de Doutorado.UFCH-Unicamp. 2002.
- PINHEIRO. Maria Luiza Ugarte. **Folhas do norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920).** Tese de Doutorado USP/SP. 2001
- SANTOS. Eloína Monteiro dos. **A rebelião de 1924 em Manaus.** 3ª Edição. Manaus. Ed. Valer. 2001
- SANTOS. Eloína Monteiro. 1924. **O movimento tenentista em Manaus.** Ed. Valer. Manaus.

WEFFORT.F. In:SADER. Eder. **Idéias e Questões**. In Quando novos personagens entram em cena. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

THOMPSON. E.P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular Tradicional**. Companhia das Letras. 1991.